

MÁQUINA DE GUERRA E APARELHO DE ESTADO: A GEO- FILOSOFIA DE DELEUZE E GUATTARI EM MIL PLATÔS

Jean Pierre Gomes Ferreira¹

Resumo: A geo-filosofia de Deleuze e Guattari parte de uma questão muito simples que eles desdobram de modos diversos e a qual nos detemos aqui sobremaneira, qual seja, “Qual a relação do pensamento com a Terra?” Esta questão é formulada por eles, particularmente, em *O que é a filosofia?* (1992), última obra escrita por eles conjuntamente e que sintetiza, podemos dizer, suas duas outras obras comuns, *O anti-Édipo* (1972) e *Mil platôs* (1980), os dois tomos de *Capitalismo e esquizofrenia*. Neste artigo, pretendemos esclarecer de que modo há esta relação do pensamento com a terra do ponto de vista de Deleuze e Guattari, bem como demonstrar que ela não diz respeito apenas a *O que é a filosofia?* enquanto obra e problema, mas também à obra e problema da máquina de guerra e do aparelho de Estado em *Mil platôs*, social e politicamente, e d’*O anti-Édipo* de um ponto de vista *inconsciente*.

Palavras-chave: Máquina de guerra; aparelho de Estado; geo-filosofia.

Abstract: The geo-philosophy of Deleuze and Guattari starts from a very simple question which they unfold in several ways and on which it has been focused here considerably, that is to say, "What is the relation of the thought to the Earth?", this question was developed, especially, in *What is philosophy?* (1991), last work jointly written by them and which summarizes, that is, their two other works in collaboration, *Anti-Oedipus* (1972) and *A thousand Plateaus* (1980), the two volumes of *Capitalism and schizophrenia*. From this question, this paper consider that it is not related only to *What is philosophy?*, but also to the problem of the war machine and the State system in *A thousand Plateaus* socially and politically, thus our major aim with this work is to analyze how the relation between the war machine and the State system in *A thousand Plateaus* is directly connected to the relation of either the thought to the earth or the philosophy to the earth regarding to the geophilosophy of Deleuze and Guattari.

Key words: War machine; apparatus of State; geo-philosophy.

¹ Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará- UECE. E-mail: jphylosophia@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Se muitas vezes alguns pensadores não adquirem o reconhecimento que merecem em sua época, podemos dizer o mesmo de algumas obras, como parece ser o caso de *Mil platôs* (1980), de Deleuze e Guattari. Ao analisarem seus dois tomos de *Capitalismo e Esquizofrenia*, que além daquela obra inclui o *Anti-Édipo* (1972), eles consideram que este primeiro obteve maior sucesso em sua época de lançamento do que o segundo, mesmo que eles preferissem àquele, já que o sucesso de *Anti-Édipo* resultou num fracasso ainda maior de seus sonhos em acabar com o Édipo, diferentemente dos *Mil platôs*, que, apesar da pouca receptividade, permitiu-lhes abordar “terras desconhecidas, virgens de Édipo”.² Terras à frente de seu tempo, visualizadas no século XXI, que Foucault disse ser *deleuzeano* por brincadeira, mas que, hoje, ouvimos com seriedade, principalmente no que diz respeito a *Mil platôs*, ainda mais que podemos perceber nestes toda a *geo-filosofia* de Deleuze e Guattari definida na última obra em comum deles, *O que é a filosofia?* (1992), quando, enfim, resolveram por em questão aquilo que tinham feito durante toda a vida e cuja resposta não variou com o tempo, qual seja, de que “a filosofia é a arte de formar, de inventar, de fabricar conceitos”.³

Este trabalho tem por objetivo analisar principalmente a relação destas três obras e demonstrar a atualidade de *Mil platôs* a partir da relação entre a máquina de guerra e do aparelho de Estado a qual se considera aqui diretamente relacionada à relação do pensamento com a terra ou da filosofia com a terra no que diz respeito à *geo-filosofia* definida por eles em *O que é a filosofia?*, bem como demonstrar que estas relações têm seus pressupostos em sua primeira obra comum, *Anti-Édipo*.

1. A geo-filosofia de Deleuze e Guattari

No que diz respeito à relação entre estas três obras, como diz Alliez (1995), *O que é a filosofia?* se inscreve inevitavelmente na “movência de *Capitalismo e esquizofrenia*”, apesar de não podermos considerar como ele que *a história da filosofia é senão uma geo-filosofia*,⁴ pois pensamos que Deleuze e Guattari pretendem justamente por em questão aquela,

² Cf. DELEUZE, G e GUATTARI, F., p. 07, 1997.

³ Cf. DELEUZE, G e GUATTARI, F., p.10, 1993.

⁴ Cf. ALLIEZ, Alliez. P.12, 1995.

diferenciar uma e outra, isto é, não identificá-las simplesmente.⁵ Mas se se considera aqui que a primeira obra está na movência das outras duas, é porque a filosofia enquanto arte de formar, inventar ou fabricar *conceitos* definida em *O que é a filosofia?* como um *construtivismo filosófico* proposto por eles já está compreendida no *plano de composição* ou de *imanência* de *Mil platôs*⁶ e teve como seu principal construtor o *personagem conceitual* do *Anti-Édipo* criado por eles. Neste sentido, podemos dizer que, se há uma relação entre estas três obras, é na medida em que cada uma delas expressa, respectivamente, os três componentes da filosofia segundo Deleuze e Guattari, a saber: o conceito, o plano de imanência e os personagens conceituais. E este três componentes, por sua vez, encerram-se ainda, podemos conjecturar, no próprio conceito de *geo-filosofia*, na medida em que o prefixo *geo* relaciona-se com um plano de imanência, *filo*, quer dizer um personagem conceitual, o amigo ou amante, e *sofia*, o saber a ser adquirido enquanto conceito.⁷

Analisando em primeiro lugar *O que é a filosofia?*, ela é uma obra-questão que pode ser traduzida pela questão *O que é o conceito?*, questão-título do primeiro capítulo da primeira parte desta obra que trata especificamente da Filosofia. Apesar deles não tratarem nesta parte apenas do que é o conceito, mas também do que é o plano de imanência e o que são os personagens conceituais, trata-se justamente de colocar em questão a criação de um conceito, no caso, um conceito de filosofia, mais especificamente o deles, isto é, o de uma *geo-filosofia*, que figura como título do quarto capítulo desta primeira parte.⁸ Ao criarem este conceito de *geo-filosofia*, Deleuze e Guattari modificam a maneira de pensar a filosofia que não se origina, segundo eles, de um determinismo dialético da história, mas de um *devoir* geográfico, de um *meio* ou de um *ambiente*, de modo que, se eles consideram que a filosofia aparece na Grécia, isto não se deve a uma *necessidade* histórica, e sim, a uma *contingência*

⁵ É significativo esta tentativa de diferenciação quando Deleuze e Guattari criticam Hegel e Heidegger, e todos que pensam como eles, por “permanecerem historicistas” e não considerarem que “a filosofia é uma *geo-filosofia*”. (Deleuze e Guattari, p. 125: 1992) Neste sentido, Cf. DELEUZE, G e GUATTARI, F. p. 123s, 1992.

⁶ Deleuze e Guattari definiam já *Mil platôs* como um projeto “construtivista”, mesma definição que eles dão à filosofia em *O que é a filosofia?* Cf. DELEUZE, G e GUATTARI, F., p. 08, 1997 e p. 51, 1992.

⁷ Estas relações não foram pressupostas pelos autores, todavia, ela pode ser percebida quando analisamos cada componente e obra em particular e identificamos suas singularidades.

⁸ Deleuze e Guattari consideram que foi Nietzsche quem “fundou a *geo-filosofia*, procurando determinar os caracteres nacionais da filosofia francesa, inglesa e alemã”. Todavia, consideramos este conceito como propriamente formulado por eles na esteira do que Braudel diz da história, pois segundo Deleuze e Guattari (p.125, 1992) “A filosofia é uma *geo-filosofia*, exatamente como a história é uma *geo-história*, do ponto de vista de Braudel”. Sobre a *geo-filosofia*, Cf. DELEUZE, G e GUATTARI, F., pp. 125 e 133, 1992.

geográfica. No caso, a dos filósofos estrangeiros fugidos dos Estados imperiais terem encontrado na Grécia:

uma pura sociabilidade como meio de imanência (...) um certo prazer de se associar, que constitui a amizade, mas também de romper a associação (...) um gosto pela opinião, inconcebível num império, um gosto pela troca de opiniões, pela conversação. (Deleuze e Guattari, p. 116, 1992.)

Devir, meio e ambiente, portanto, são as três condições contingentes para o surgimento da filosofia na Grécia, mas que se repetem de modo diferente na Europa moderna e em qualquer lugar. Todavia, eles advertem que pode acontecer uma confusão da filosofia com a religiosidade quando o *meio de imanência* ou *plano de imanência* traçado pelo filósofo enquanto personagem conceitual para criar os conceitos é apropriado por uma *transcendência*, isto é, considerado como *imanente a algo*, o que é um problema histórico da filosofia, pois, segundo Deleuze e Guattari (1992, p. 62.): “Cada vez que se interpreta a imanência como ‘a’ algo, produz-se uma confusão do plano com o conceito, de modo que o conceito se torna um universal transcendente, e o plano, um atributo no conceito.” E deste modo em vez de instaurarem uma *filosofia pura*, confunde-se filosofia e religiosidade criando-se sobre o plano de imanência *figuras divinas* que o ladrilham e o povoam em vez de conceitos.

A relação entre a imanência e a transcendência é um problema à geo-filosofia na medida em que é esta relação que define a criação dela enquanto conceito e saber e é uma preocupação particular de Deleuze em suas obras individuais, nas quais ele busca afirmar de vários modos uma *filosofia da imanência* em detrimento de uma filosofia da transcendência, seja a partir do conceito de *ilhas desertas* em relação a uma *ilha santa*, seja com o conceito de *simulacro* em relação ao *modelo* platônico, com o conceito de *diferença* e *repetição* em relação ao de *identidade* e de *representação* aristotélica, hegeliana ou mesmo leibniziana, e através de uma *lógica do sentido* em relação ao *sentido da lógica*. Isto porque em todos estes casos, ele busca uma inversão ou reversão destes por aqueles, uma *linha de fuga* daqueles em relação a estes no sentido de uma afirmação da imanência em vez de sua negação como existe em cada um destes casos, o que esta inversão e reversão pode-se perceber, principalmente, em relação ao platonismo. No caso deste, para Platão, o simulacro é uma *cópia da cópia* do modelo e, por isso mesmo, deve ser negado ou excluído, o que Deleuze tenta reverter isto ao considerar o simulacro uma potência de afirmação da cópia em relação ao modelo demonstrando como este é, *na verdade*, criado por aquele. Neste sentido, segundo ele, deve-se fazer uma leitura do mundo que não parta do princípio de que “só o que se parece difere” (Deleuze, 1998, p. 267.), isto é, em que a semelhança e similitude são pensadas como

origem da diferença, mas sim, que leve em conta que ““somente as diferenças se parecem””, e, neste sentido, “pensar a similitude e mesmo a identidade [do modelo] como o produto de uma disparidade de fundo [do simulacro]” (Deleuze, 1998, p. 267.).

Esta disparidade de fundo, no caso, é aquilo que permite a Deleuze e Guattari criarem sua geo-filosofia de modo *imane*nte, na medida em que, por um lado, de um ponto de vista relativo, consideram a terra como *desterritorializada*, atravessada por *tipos psicossociais* que a desterritorializam a cada vez que passam de um território a outro, mas que também a reterritorializam a cada vez que criam nela outros territórios. E, por outro lado, de um ponto de vista absoluto paralelo àquele, a consideram um *plano de imanência* no qual o filósofo enquanto personagem conceitual cria nele seus conceitos. Disparidade que não quer dizer uma dualidade ou dialética do pensamento, mas uma *univocidade do pensamento* pensado de modo imane

nte segundo a *geo-filosofia* de Deleuze e Guattari que diz respeito à existência de *um só e mesmo sentido* da terra ao pensamento, ainda que de dois modos diferentes, o relativo e o absoluto, de um ponto de vista histórico, físico, psicológico, social, geológico e astronômico. Segundo esta univocidade, há um paralelo entre o *de*vir relativo de desterritorialização e reterritorialização dos tipos psicossociais sobre a terra e o *de*vir absoluto também de desterritorialização e reterritorialização dos personagens conceituais no plano de imanência, que pode ser dito em um só e mesmo sentido, pois o *de*vir relativo é um *de*vir absoluto dos tipos psicossociais em personagens conceituais que se desterritorializam e reterritorializam a terra como um plano de imanência, ainda que em todos estes casos haja uma irredutibilidade de um em relação ao outro, isto é, não se confunda o absoluto e o relativo. Absoluto e relativo que dizem respeito também às criações destes devires, no caso dos primeiros sendo criadas máquinas de guerra, e do segundo, paralela e respectivamente, conceitos imanes

tes. Devires relativos e absolutos imanes

tes que Deleuze e Guattari tentam fazer fugir aos devires relativos e absolutos transcendent

es criados também pelos tipos psicossociais e personagens conceituais assim como tentam fazer fugir o anti-Édipo do Édipo inconscientemente.

2. As máquinas desejantes do anti-édipo e o aparelho de repressão edipiano

A univocidade desta dupla maneira de pensar a terra de modo imane

nte ou, propriamente, a univocidade da terra imane

nte, de um ponto de vista relativo e absoluto, constitui a geo-filosofia de Deleuze e Guattari que eles buscam fazer escapar à *ilusão de*

transcendência a partir da qual a imanência é considerada imanente a uma transcendência ou a algo transcendente, tanto de modo absoluto quanto de modo relativo. É na relação estabelecida por eles entre o social e o político, por um lado, e o *inconsciente desejante* por outro que vemos estabelecer-se esta primeira trincheira de sua geo-filosofia na medida em que toda a crítica que a esquizo-análise deles faz à psicanálise em *Anti-Édipo* diz respeito à relação entre a produção desejante e a produção social não ser mediada ou exprimida pelo complexo familiar a partir da *representação* do Édipo, e sim, que há uma relação imediata entre o investimento de desejo e o investimento de um campo social que atravessa a família e a limita. E se a questão *qual é o primeiro, o pai ou o filho* ainda se coloca na esquizo-análise, para ela, não se trata de *analisar* o filho primeiramente, e sim, *esquizar-analisar* o pai e a psicanálise, “pois é o pai paranóico que edipianiza o filho”.

Segundo Deleuze e Guattari, ao analisar o filho e não o pai, a psicanálise parte de um problema situado na criança e busca resolver este problema nela mesma como se fosse produzido por ela e não naquele que o produziu, segundo eles, no caso, o pai, e quando considera que o pai seja o problema, ela retoma o mesmo princípio de que o problema está na criança, no caso, a criança que o pai um dia foi. Deste modo, numa regressão infinita, ela sempre considera uma “absurda teoria do fantasma, segundo a qual o pai, a mãe, as suas ações e paixões reais, devem ser, em primeiro lugar, compreendidas como ‘fantasmas’ da criança”. (Deleuze e Guattari, 1972, p. 287.) Em meio a esta teoria do fantasma do pai, um fantasma individual, ela não sai, portanto, do triângulo familiar papá-mamã-eu, de como ele se produz e se reproduz, limitando-se a analisar tanto a produção desejante como a produção social, bem como a paranóia e a esquizofrenia relacionadas a elas, como produtos ou reproduções dos problemas pai-filho ou do complexo familiar do Édipo, papá-mamã-eu. Deste modo, considerando a produção desejante e a produção social como distintas em natureza a partir da família que exprime e recalca em sua reprodução a produção desejante e a sublima na produção social.

Diferentemente disto, para a esquizo-análise a relação entre pai e filho e o complexo de Édipo é que são produtos e reproduções da relação entre a produção desejante e a reprodução social porque, primeiramente, para Deleuze e Guattari, não há nenhuma distinção de *natureza* entre a produção social da realidade e a produção desejante inconsciente, tão somente uma distinção de *regime* na medida em que a “*produção social é simplesmente a produção desejante em determinadas condições*”, ainda que estas condições sejam a de uma “repressão social” do próprio desejo. E se existe uma distinção de natureza, ela é entre a

*produção desejante social e a reprodução familiar, entre o anti-Édipo e suas máquinas esquizofrênicas, desejante e social, e o Édipo e seus aparelhos de repressão paranóicos, aqueles explicando e curando possivelmente estes, em vez destes aqueles.*⁹

No que diz respeito a isto, a tarefa da *psiquiatria materialista* ou *esquizo-análise* de Deleuze e Guattari é introduzir a concepção de que há um desejo na produção e uma produção no desejo de um ponto de vista social, isto é, considerar que há uma *produção desejante* da sociedade pois, segundo eles, “O desejo é da ordem da *produção* e qualquer produção é ao mesmo tempo desejante e social.” (Deleuze e Guattari, p. 308, 1972.) Em segundo lugar, pensar como ela investe a produção social independente do ponto de vista da *representação* familiar edipiana, papá-mamã-eu, e da *crença* nesta representação. Com isso, a esquizo-análise busca desedipianizar o inconsciente e demonstrar que ele é *a-edipiano*, que ele não é exprimido, representado ou mediado por um teatro ou complexo de Édipo e seu triângulo papá-mamã-eu, e sim, que é uma *fábrica* com suas *máquinas desejantes*, bem como entre a produção desejante e a produção social dele não há mediação na medida em que há entre elas uma *identidade de natureza* em suas *diferenças de regime*. Isto é, busca reverter a subordinação e conversão do inconsciente e da sociedade ao Édipo produzida não simplesmente pela psicanálise, mas pelo capitalismo, assim como se buscou reverter a ilha santa, o modelo platônico e a identidade e a representação segundo o sentido da lógica a partir, respectivamente, da ilha deserta, do simulacro, da diferença e repetição segundo a lógica do sentido. Não por menos, a partir dela, buscando também reverter a captura e a subordinação da máquina de guerra ao aparelho de Estado.

3. A máquina de guerra nômade e o aparelho de Estado sedentário

Quando Deleuze e Guattari retomam a perspectiva social e política de *Anti-Édipo* em *Mil Platôs* dando sequência ao primeiro tomo de *Capitalismo e Esquizofrenia*, eles sabem que o objetivo do primeiro tomo não foi atingido, nem seria do ponto de vista negativo que eles mesmos impuseram no título. Contudo, a relação entre a máquina de guerra e o aparelho de Estado que *atravessa* todos os *Mil Platôs* está diretamente relacionada àquilo que inconscientemente eles queriam atingir com o *anti-Édipo* enquanto personagem conceitual de

⁹ Deleuze e Guattari estabelecem aqui a mesma univocidade de pensamento imanente da geo-filosofia que explicitamos anteriormente em sua duplicidade de modos, o relativo e o absoluto, a qual eles antecipam ao pensarem de modo unívoco e imanente o *inconsciente* e o *social* tentando fazer estes escaparem em sua esquizofrenia da transcendência consciente do Édipo e do Estado em sua paranoia.

sua geo-filosofia, no caso, a *multiplicidade*, de sexos, mas também de pontos de vista sobre os *sujeitos* enquanto tipos psicossociais, históricos, geográficos, linguísticos, biológicos, ou ainda, *a-humanos*. Sob este ponto de vista, se foi necessária a existência destes tipos psicossociais em seu devir relativo para povoar a terra imanente e relativa com seus mil platôs, nela construindo seus territórios, desterritorializando-os e os reterritorializando com suas máquinas desejantes inconscientes, não menos necessário foi a existência do anti-Édipo enquanto personagem conceitual para povoar o plano de imanência absoluto da geo-filosofia de Deleuze e Guattari, construindo nele seus conceitos. Em particular, o conceito de máquina de guerra nômade, dentre tantos outros com os quais eles povoaram seus mil platôs, a partir do qual eles buscaram fazer escapar a imanência e o inconsciente maquínico da transcendência consciente do aparelho de Estado sedentário.

É sob o duplo ponto de vista *exterior* e *interior* ao aparelho de Estado, isto é, do que se reduz e não se reduz à *soberania política* do Estado, que o conceito de máquina de guerra nômade vai retomar a produção desejante das máquinas desejantes do anti-Édipo buscando se colocar de modo *exterior* àquilo define propriamente o Estado, isto é, sua soberania política que tenta apropriar-se dela, capturá-la com seus aparelhos, já que esta soberania “só reina sobre aquilo que ela é capaz de interiorizar, de apropriar-se localmente”. (Deleuze e Guattari, p. 23, 1997, v.5.) Primeiramente, eles consideram que a máquina de guerra é exterior ao Estado porque é irreduzível a ele em sua “multiplicidade pura e sem medida”, vindo sempre de fora como uma “malta, uma irrupção do efêmero e potência da metamorfose”, um *devir* do guerreiro mítico que se interpõe entre as duas cabeças do Estado, *duas cabeças mitológicas*, “a do rei-mago” e a do “sacerdote-jurista”, sua *dupla articulação* a fazer dele um *estrato* procedendo por Um-Dois, binariamente. No caso, um devir guerreiro que não se deixa agarrar por nenhuma delas em sua “estupidez, deformidade, loucura, ilegitimidade, usurpação, pecado”, pois ele “está na situação de trair tudo, inclusive a função militar, *ou* de nada compreender”. (Deleuze e Guattari, 1997, p. 15, v.5.) Neste sentido, ela é concebida negativamente, e deve ser reduzida em sua multiplicidade ao que se *opõe* ao Estado, apropriada ou destruída por ele, confundindo-se ora com sua violência mágica, ora com sua instituição militar, “Donde a desconfiança dos Estados face à sua instituição militar, dado que esta procede de uma máquina de guerra extrínseca”. (Deleuze e Guattari, 1997, p. 16, v.5.)

Se há uma exterioridade e uma precedência da máquina de guerra em relação ao aparelho de Estado, todavia não há relação evolutiva de uma a outro, segundo eles, pois o Estado não provém de uma máquina de guerra e esta não é deduzida dele. O aparelho de

Estado não tem uma máquina de guerra, ele tão somente se apropria de uma na medida em que é principalmente uma *potência de apropriação* ou um *aparelho de captura* com seus dois pólos, o “Imperador terrível e mágico” e o “Rei sacerdote e jurista”. A guerra lhe é exterior, como é exterior o *guerreiro* a estes dois pólos ainda que se confunda com eles por uma violência. O primeiro pólo corresponde ao aparelho de Estado imperial ou despótico, isto é, um *Urstaat* original que surge de uma vez só, incondicionado, e a captura que ele empreende implica a substituição econômica da “troca aparente” das sociedades primitivas e nômades por um “estoque”. O outro pólo do aparelho de Estado, o pólo do Rei sacerdote e jurista não age através de captura, mas por pacto e contrato, não sobrecodifica o fluxo indiviso da máquina de guerra, mas tem como nova tarefa *conjugiar fluxos descodificados e desterritorializados* de toda a parte, e, ao invés de uma *servidão maquínica*, produzir uma *sujeição social* que retoma a máquina de guerra, porém, com outros fins, o de um Estado-nação e de uma máquina de guerra mundial capitalista, pois

A esfera pública não caracteriza mais a natureza objetiva da propriedade, mas é antes o meio comum de uma apropriação que se tornou privada; entra-se, assim, nos mistos público-privado que constituem o mundo moderno. O *laço se torna pessoal*; relações pessoais de dependência, ao mesmo tempo entre proprietários (contratos) e entre propriedades e proprietários (convenções), duplicam ou substituem as relações comunitárias e de função; mesmo a escravidão não define mais a disposição pública do trabalhador comunal, mas a propriedade privada que se exerce sobre trabalhadores individuais. (DELEUZE E GUATTARI, 1997, p. 148, v. 5.)

Neste Estado-nação, o aparelho de Estado se transforma no modelo de realização da *axiomática imanente* do capitalismo na medida em que ele conjuga os fluxos descodificados que ocorrem a ele para consumir o excedente de estoque e, assim, produz um novo excedente, não mais de estoque, e uma nova mais valia, não mais de códigos, mas de fluxos descodificados que ele tem a cada vez de recodificar e reterritorializar em si como *nação, terra natal de um povo*, pois a *terra* deixa de ser fonte de renda fundiária para ser a *subjetivação* de um *povo*, ela desterritorializa o território e o povo descodifica a população. E é “sobre esses fluxos descodificados e desterritorializados que a nação se constitui, e não se separa do Estado moderno que dá uma consistência à terra e ao povo correspondentes.” (Deleuze e Guattari, 1997, p. 157, v. 5.)

A máquina de guerra e o aparelho de Estado constituem, deste modo, dois modos sociais e políticos de se relacionar com a terra, um nômade e o outro, sedentário, que pressupõem não por menos dois modos da filosofia pensar a terra, um imanente e o outro,

transcendente, ambos colocados em questão com a geo-filosofia de Deleuze e Guattari em *Mil platôs*.

Considerações finais

Enquanto modos de pensar e se relacionar com a terra, a máquina de guerra e o aparelho de Estado constituem dois modos de se *separar* e se *ligar* à terra, ou como dizem eles, de desterritorializá-la e reterritorializá-la na medida em que terra e território se confundem tanto no pensamento como social e politicamente. A esta separação e ligação da terra é o que denominamos propriamente um *a-partamento* da terra que se faz de modos diversos caso consideremos um ou outro modo de pensar e se relacionar com ela. Por um lado, do ponto de vista de um pensamento filosófico imanente absoluto, este *a-partamento* ou separação e ligação ao mesmo tempo corresponde a uma desterritorialização absoluta da terra num plano de imanência e sua reterritorialização no conceito a partir de personagens conceituais, em contrapartida, num pensamento transcendente absoluto, corresponde a sua desterritorialização absoluta numa ilusão de transcendência e reterritorialização em figuras a partir de personagens divinos. Por outro lado, do ponto de vista social e político imanente relativo, o *a-partamento* ou separação e ligação com a terra ao mesmo tempo corresponde a uma desterritorialização da terra num espaço liso e sua reterritorialização numa máquina de guerra a partir dos nômades, e, de modo transcendente social e politicamente, a uma desterritorialização dela num espaço estriado e sua reterritorialização num aparelho de Estado a partir dos sedentários.

Estes dois modos de pensar e se relacionar com a terra, todavia, não apenas se diferenciam em relação a ela, mas também entre si, de modo que há também uma separação e uma ligação entre eles, o que, conseqüentemente, o que aqui denominamos por um *a-partamento* não se restringe somente a eles em relação à terra, como também entre si. Neste sentido, há um *a-partamento* ou separação e ligação ao mesmo tempo entre os dois modos de pensar a terra entre si, o imanente e o transcendente, bem como dois modos de se relacionar com ela entre si, o nômade e o sedentário. E, não por menos, entre um modo de pensar a terra e um modo de se relacionar com ela também existe este *a-partamento*, no caso, entre o modo de pensar imanente e o modo de se relacionar nômade e entre o modo de pensar transcendente e o modo de se relacionar sedentário. Assim, podemos concluir que, segundo a geo-filosofia de Deleuze e Guattari em *Mil platôs*, *o modo de pensar a terra, seja ele imanente ou*

transcendente, e o modo de se relacionar com ela, seja nômade ou sedentário, é o de uma separação e ligação ao mesmo com a terra, isto é, de um a-partamento com ela.

Referências bibliográficas

ALLIEZ, Alliez. *A assinatura do mundo: o que é a filosofia de Deleuze e Guattari?* Tradução de Maria Helena Rouanet e Bluma Villar (apêndices). Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DELEUZE, G. *Lógica do sentido*. Tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1988.

DELEUZE, G e GUATTARI, F. *Mil Platôs*. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira. São Paulo: Editora34, v.1. 1997.

_____. *Mil Platôs*. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira. São Paulo: Editora34, 1997. v.5.

_____. *O Anti-Édipo*. Tradução de A. Campos. Lisboa: Assírio e Calvim, 1996.

_____. *O que é a Filosofia?*. Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. 2 ed. São Paulo: Editora34, 1993.